

conj., re-bancos*: exercícios&conversas

RICARDO BASBAUM

Desde 2002, a Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Fundação Municipal de Cultura e do Museu de Arte da Pampulha, realiza anualmente o Projeto Arte Contemporânea, um programa de exposições no qual os artistas são convidados a criar obras produzidas pela instituição, em diálogo com a curadoria. As obras são pensadas a partir da singularidade do edifício, projetado na década de 1940 por Oscar Niemeyer como Cassino para o Conjunto Arquitetônico da Pampulha.

conj.,re-bancos*: exercícios&conversas

RICARDO BASBAUM é o segundo volume da coleção produzida pelo Projeto Arte Contemporânea 2011. Os livros documentam as exposições, os seminários com os convidados e as conversas com os artistas, refletindo sobre os processos e expandindo a experiência da exposição.

Since 2002 the Belo Horizonte City Government, through the Municipal Foundation for Culture and the Pampulha Art Museum, has been organizing the Contemporary Art Project, an exhibitions yearly program in which artists are invited to create works that are produced by the institution, in dialogue with the curatorship. The works are conceived regarding the singularity of the building, designed in the 1940s by Oscar Niemeyer as the Casino of the Pampulha Complex.

conj.,re-benches*: exercises&conversations

RICARDO BASBAUM is the second volume of the collection produced by Contemporary Art Project 2011. The books register the exhibitions, seminars with the guests and conversations with the artists, reflecting on the processes and expanding the exhibition experience.



Museu de Arte da Pampulha
Projeto Arte Contemporânea 2011



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B297c

Basbaum, Ricardo
conjs., re-bancos*: exercícios&conversas – Ricardo Basbaum = conjs., re-benches*: exercíscs&conversations
– Ricardo Basbaum / Organização de Renata Marquez. – Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha,
2012.

160 p. : il. Col. 14 x 21 cm.
ISBN: 978-85-98964-08-9
Edição Bilingue Português/Inglês.

1.Arte contemporânea – Brasil – Exposições. 2.Museu de Arte da Pampulha – Belo Horizonte (MG) – Exposições.
3.Exposições – Museu de Arte da Pampulha – Belo Horizonte (MG) – Crítica e interpretação.

I.Marquez, Renata. II.Título.

CDD: 709.81511

Catalogação na fonte: Celeste Meire Martins Fontana – CRB 6/1907

Índice para catálogo sistemático:

1.Museu de Arte da Pampulha: Belo Horizonte (MG): Exposições



Você pode compartilhar ou reproduzir, a totalidade ou partes deste livro, em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia (xerox) desde que não tenha objetivo comercial e sejam citados os autores e a fonte.

**conjs., re-bancos*:
exercícios&conversas**

RICARDO BASBAUM

07

Masterplan NBP

Renata Marquez

18

conjs., re-bancos*: exercícios&conversas

Ricardo Basbaum

26

re-projetando (belo horizonte)

Aruan Mattos e Flávia Regaldo, Breno Silva, Brígida Campbell, Daniel Escobar, Fred Paulino, Renata Marquez, Ricardo Basbaum, Silvana Stein

52

Diferenças entre nós e eles

Ricardo Basbaum

62

eu-você: coreografias, jogos & exercícios

Ana Carolina Aguiar, Ana Paula Torres, Auana Diniz, Cayo Honorato, Davi de Almeida, Denismar do Nascimento, Fabíola Tasca, Jardel Melgaço, Jéssica Cruz, Juliana Pinto, Luis Carlos do Patrocínio, Mônica Silva, Pablo Quaglia, Renata Marquez, Renata Villanova, Ronilson Otávio, Rute Assis, Silvânia Vasconcelos, Sônia Lúcia Alves, Tereza Bruzzi, Virgínia Pitzer, Viviane Pinto, Warley Santos

69

Basbaum: ritual

Stéphane Huchet

76

outras N Bases para desPersonalização

Paola Zordan

84

Conversa pública com Ricardo Basbaum

Museu de Arte da Pampulha, 3 de março de 2012

97

English translation

Ao buscar obras de aderência, abertas à participação e *n* acontecimentos, tenho o projeto NBP como um dos arquivos mais prolíferos da minha pesquisa. Digo arquivo não apenas pelo amplo inventário de incidências que o NBP proporciona, mas porque o projeto, em si, problematiza o que vem a ser uma obra. Mesmo que paradoxalmente seja obra de Ricardo Basbaum, o projeto é traçado junto ao deslocamento das concepções de autoria e de obra. Prolífero pela múltipla abertura que seu encontro suscita e pelas ações que desencadeia, sendo que tanto o conceito como os objetos criados junto a ele produzem uma série de questões, que vão desde os conceitos de arte, personalidade e experiência até os sentidos e motivos das proposições do artista que o assina.

Mas é a uma perspectiva menos questionadora e mais experimentadora que o NBP nos leva. Primeiro pela materialidade do conjunto de dezenas de objetos símiles que o projeto produz, seguindo eventos, realizações nem sempre institucionalizadas, múltiplas propostas. Muitas delas, via o site www.nbp.pro.br, tratamos de inventariar. E encontramos o objeto em contextos institucionais e domésticos bastante diversificados, em usos prosaicos, como mesa, escada-pés, recipiente para gelo e bebidas, espaço para construções lúdicas e maquetes (em escolas), vaso para plantas e até como forma para assar uma cuca. Um arquivo à parte constitui uma série de registros no qual diferentes propositores mostram a relação do objeto com as crianças, que o fazem de nave, carro, sendo o objeto um evidente dispositivo para jogos simbólicos. Também mapeamos processos envolvendo artistas, *performers*, músicos e cientistas, que de um modo ou de outro analisaram e interagiram com o objeto junto a poéticas e/ou experimentos individuais ou coletivos. Nesse âmbito de proposições temos experiências sonoras, espetáculo musical, experimentações corpóreas com o objeto, *happenings* e modificações processuais que podem envolver enterro, oxidação, forro e estofamento do objeto, desconfiguração de sua estrutura e até sua queima. Os propositores para os usos e elaborações, enfim, os autores desses acontecimentos tratados como participações podem ser encontrados em www.nbp.pro.br.

Tais proposições, entre muitas outras, extrapolam as sugestões da forma geométrica e características físicas do objeto propulsor. Mesmo assim a essa caracterização singular tendem a se moldar, sendo sempre o centro cilíndrico um elemento a dificultar o uso de uma superfície lisa e a sugerir algum elemento a ser adicionado: rosto, planta, vulcão. Raramente exposto como obra em espaço cultural museológico, é um objeto notável que jamais passa despercebido sem

indagação de quem não o tem nas referências. Ao nomeá-lo *Novas Bases para Personalidade*, deslocamos o objeto para o projeto, de modo que, mesmo na estrita materialidade da coisa, essa envolve um desenho mais complexo, traçado com o conceito de subjetivação e proposições artísticas em torno das relações interpessoais, pontos que propulsionaram a criação de Basbaum.

O retângulo áureo com transversais nas pontas e um círculo no meio lembra um *ready-made*, embora projetado escultoricamente e sem nenhuma função além de se propor como arte, trazendo, na ambiguidade de leituras que possibilita, todos os paradoxos das obras propositivas e dos objetos artísticos imiscuídos aos artefatos mais prosaicos e cotidianos. *Uma Pia* chamou a coordenadora de nosso grupo de pesquisa, durante o período em que o objeto singular ao qual passarei a me referir, habitou a sala do *DIF: Artistagens, Fabulações e Variações*, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cada objeto de aço pintado, embora tendo as mesmas formas, dimensões fixas (125x80x18cm) e cobertura esmaltada de branco, com a linha de sua borda em azul escuro, traz em sua existência material incidentes bastante variados. Mesmo que sejam aparentemente iguais, nenhum dos 29 objetos hoje existentes se assemelha, visto cada um possuir uma história, um percurso, coleções de incidentes e um rol específico de transportadores, guardadores e propositores. Os incidentes singularizam cada um dos objetos como um NBP único, ainda que o projeto não os distinga, especialmente os produzidos em série para determinados eventos. No atual desenho publicado não é muito fácil saber qual o percurso exato de cada um deles, mas isso não interessa para nossa pesquisa. Interessa é a variação de proposições e os diferentes modos que grupos ou pessoas lidam com os dispositivos que compõem essa escultura social, pensando com o conceito de Beuys de modo a implicar esse trabalho com o movimento Fluxus. Os acontecimentos vividos por cada participante, cadastrado ou não no projeto, nem sempre foram ou são planejados, podem produzir ou não outras obras, trazendo em si histórias que constituem um conjunto entranhado, cujas linhas demandariam uma imensa pesquisa, a qual, em função de muitas outras obras propositivas que constituem nosso arquivo, não temos condições de mapear. O que podemos é presumir uma complicada genealogia que talvez nem mesmo o propositor inicial do projeto do objeto, Ricardo Basbaum, tenha traçado com exatidão.



Minhas próprias ações criaram nós numa linha que inicia em meio às múltiplas outras ações dos *Artistas em Disponibilidade* da VII Bienal do Mercosul, com um dos objetos que circulou na cidade de Pelotas, onde fui buscá-lo para explorações junto à minha pesquisa. Atualmente, dentro da pesquisa a ser encerrada após publicação dos principais arquivos, o objeto envolve as seguintes criações: 1) seu deambular mal esclarecido numa Faculdade de Educação, em processo contínuo; 2) sua figuração em uma pintura *síntese* dos elementos pictóricos intrincados no *corpus* pesquisado; 3) uma ação performática que nos obrigou a preservar ao máximo seu esmalte e aspecto novo e limpo, 4) a elaboração de uma miniatura do objeto para compor o que estamos chamando “obra de recepção” juntamente com outros objetos advindos de obras distribuídas em rede e, por fim, 5) a futura participação como objeto cênico em uma filmagem de curta duração (10 min), *O Abandono de Ariadne*, cujo roteiro está em fase de elaboração. Trata-se de pesquisar criações criando, o que em nosso grupo, coordenado por Sandra Corazza, chamamos *artistagem*, termo por ela engendrado. Com Deleuze e Guattari, com Barthes, as produções são *artistadas* junto aos conceitos com os quais operamos.

Os *nós* que intrincam as ações que acabo de listar compreendem participantes de oficinas, alunos de disciplinas que ministro, meus colegas de linha de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, a dissertação de Mestrado de Raquel Ferreira, Leonardo Garavelo, parceiro na *performance Enterro da Obra*, feita junto à proposição lançada na tese de Rebecca Stumm, professora na UFSM, Clóvis Martins Costa, professor na Feevale, Karin



Schneider – <http://cage83.com>. Meu marido, sem o qual a maioria dos transportes do objeto seria inviável, e principalmente minha filha, em torno dos dez anos de idade, que criou uma relação muito particular com o objeto, dizendo que aquele “não era qualquer NBP”, mas *Joça*, no qual fazia carinho, exibindo-o com orgulho para as amigas e explorando no dispositivo muitas possibilidades de brincadeiras. Desde que estou com um dos objetos, uma certa cronologia de acontecimentos constitui uma espécie de diário – por onde o objeto andou, quem com ele interagiu, proposições que lancei para alunos, transportes de um local a outro, indagações como “o que é isso?”, “para que serve?” e mesmo observações como “isso não tem sentido”.

Sem pretender produzir sentidos, estudamos certa regularidade nas proposições, as quais apresentamos na oficina *Obras em Rede*, no evento UFRGS Portas Abertas de 2010. A busca de um uso ainda inédito para o objeto, juntamente com Raquel Ferreira, propulsionou a ação *Milagre Lírico/Assepsia*. Esse é um dos acontecimentos cuja força ainda não desdobramos o suficiente, tanto na sua tese de doutorado em andamento como em minha pesquisa de intuítos dionisíacos. Ainda não havia sangue em nenhuma proposição com o objeto, o qual, muitas vezes tido como algo hospitalar, somente em instituições de âmbito psiquiátrico havia circulado. Levar o objeto para dentro de um bloco cirúrgico foi uma proeza que não estamos autorizadas a comentar. Juntamente com Leonardo Garavelo, enchemos o objeto com mais de 30 quilos de carne. Como essa intervenção foi efetivamente hospitalar, exigiu de nós completo rigor e assepsia, assim como silêncio e rapidez, pois o cheiro de açougue que a

matéria manipulada dentro do objeto emanava podia delatar a ação para os que porventura compreendessem aquele ato como fora do que é possível e aceitável numa sala de cirurgia, ainda que em um bloco desativado por período de férias coletivas. Nossa ação partiu da *performance Dilacerado*, que Raquel criou junto ao seminário avançado *Criações e Sentido Trágico*, que ministrei em 2006 junto ao PPGEDU/UFRGS, tendo como livro base *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche. As dilacerações dionisíacas estudadas em nossas pesquisas nos levam à *performance* da carne por Raquel intitulada *Milagre Lírico*, que não apenas se resume ao manejo de carnes no interior do objeto NBP sobre mesa de cirurgia. Desde a ida ao mercado até a doação para um asilo público de uma caixa de isopor de 100 litros, cheia de corações, línguas e costelas de boi, orelhas, pés e costelas de porco, muitas outras ações estão implicadas, inclusive cortes de carne, ensacamento e doação de sete quilos de fígado de boi e a picagem e acondicionamento das carnes de músculo selecionadas para consumo próprio. Tangenciamos a cultura pecuarista do Rio Grande do Sul, a vida carnívora a que somos submetidos, o nojo, o cheiro, as texturas dos tecidos, o sangue produzido pelos vestígios dos fígados e que banhou o objeto. Outras inúmeras obras que se prestam a trabalhar com a carne, as concepções de sermos carne de abate proferidas por Francis Bacon, as suas crucificações, o conceito de diagrama em Deleuze, as crucificações rosadas de Henri Miller e a própria acepção nietzschiana de que não passamos de rebanho humano, objetos relacionais, clínica, crítica, entre tantas outras coisas, estão em jogo nesta ação.

Ao tratarmos de paixão, padecimentos corpóreos e movimentos frouxamente institucionalizados entre artistas, mestrandos de Educação e professores de diversas áreas, trazemos a arte contemporânea, com seu potencial transdisciplinar, para práticas em sala de aula. Expor na escola formal as experiências artísticas contemporâneas, possibilitar novos arranjos entre as pessoas, em devires impessoais, que as transportam e as despersonalizam a cada experiência. Acontecimento, uma obra se dá à experiência independente de sua classificação como arte. Uma proposição se expressa nos efeitos dos encontros entre os corpos, o corpo da obra, os corpos que a experimentam. O contato com diferentes objetos e com pessoas, que a todo tempo se distinguem e também se extinguem, nos coloca sobre *n* bases de interpretações e hipóteses. Base que não consegue encontrar uma linguagem para expressar o que os corpos e seus múltiplos encontros são capazes de produzir. Ao se observar o quão instáveis em suas regularidades acontecem as obras de arte, numa brincadeira com as embalagens, a pesquisa cria uma substancialização de um adjetivo, fazendo do *frágil* um substantivo comum, digno de nossas artistagens e criações efêmeras no espaço institucional, especialmente as forças despendidas no dia após dia dentro de escolas.

Os encontros entre corpos, as obras em rede, a distribuição de elementos manifestada após o Fluxus, a arte postal nos levam a um novo conceito do que pode vir a ser artístico. E por artística temos, a partir do pensamento de Nietzsche e junto com os estudos de Foucault, uma estilística da existência. O que nos leva a concluir, contemporaneamente, que esse estilo envolve obras que não se desenvolveriam sem participação, sem equacionamento de forças e coletivos, sem movimento de bandos, sem desterritorializações, para usar o termo da esquizoanálise. Nesse transitar territorial foi criada uma microinstalação de obras distribuídas, em especiais as partilhas de Adriana Daccache e, entre outras, as *Doações do Corpo* de Zenilda Cardoso, poética na qual fui receptora de um ovário construído com contas. A junção desses fragmentos poéticos cria uma obra de recepção chamada *Altar da Gentileza*, de fácil trânsito e incontáveis modos para ser arranjado. Num desses arranjos planejamos compor com a coleção de adesivos, santinhos e pequenos objetos uma maquete de papelão do objeto NBP, com proporções cem vezes menor, tarefa assumida pela mão virtuosa de Simone Rodrigues. Denominada "altar", pois se estrutura em nichos tomados para oratórios ou mesmo num congá, pois coincide com o aspecto sacrílego do corpo e dos elementos (votos) que o entregam aos deuses. A arte está repleta de objetos que nos reportam ao divino de poder olhar, alegria onde reside a existência das artes visuais, as artes que enchem os olhos. Em uma das suas múltiplas arrumações o objeto estará santificado nessa *assemblage* que pode ou não organizar uma espécie de retábulo. *Work in Progress*, seus avatares não compreendem apenas as imagens captadas fotograficamente, mas intervenções infantis, felinas, acidentes, faxineiras. A base de sua personalidade troca a todo instante, a cada experiência o objeto ganha uma nova cara.

É com o conceito de rostidade (*visagéité*) advindo de *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, de Deleuze e Guattari, que desenvolvo um estudo pictórico numa série de quadros e desenhos da cara que se vê na lua cheia. Céus noturnos e horizontes crepusculares fazem parte de pinturas desenvolvidas ao longo da pesquisa, incluindo o tríptico *Fechando os Olhos* (70 x 300 cm) e dois quadros de matos com formas de monstros, executados em 2008, onde a figura e o diagrama de traços vegetais em sombra que a sugerem se confundem sobre o céu crepuscular. Paralelamente, após pesquisa em torno de *A Genealogia da Moral*, com a leitura dos platôs desses autores chegamos à problematização da palavra de ordem, especialmente dentro da Educação. Junto com a criação, em letra cursiva, do que chamei *bandas imperativas*, onde a conjugação verbal se torna arabesco traçado a giz ou caneta (nos quadros brancos e verdes das salas de aula), outras duas intervenções foram feitas na Faculdade de Educação da UFRGS, sendo uma delas AMA, palíndromo afixado em adesivo vermelho numa

vidraça de aproximadamente 300 x 500 cm, instalado no Dia dos Professores, em 2009. Lido por dentro do prédio, no saguão de seu penúltimo andar, o oitavo, ou por fora, sendo avistado à distância, esse verbo expõe o problema do amor enquanto palavra de ordem e do amor como imperativo daqueles que se dedicam à educação. Junto com o NBP, faço uma alusão a essa intervenção no prédio do grupo de pesquisa, entre tantas outras alusões aos arquivos de pesquisa, numa pintura de 63 x 145 cm que aglomera o NBP, o conceito *frágil*, desenhos de crianças direto sobre a tela e em colagem, o adesivo *Gentileza gera gentileza* partilhado na poética de Adriana Daccache e traços de todas as séries de pinturas, com exceção das nossas senhoras vulvas, que acompanham o arquivo chamado *Derme Pictórica*, composto também de séries fotográficas. *Derme Pictórica* vem a ser um corpo sem órgãos visual, que mostra a superfície de imagens ininterruptas e aglomeradas que participam, inadvertidamente, de nossas experiências.

Ao figurar o objeto de Basbaum junto a intervenções que nos desestabilizam do mero lugar de formadores de professores, assumo-o como vórtice de todas as indagações que nossa pesquisa coloca, sendo possível presumir que o NBP criará uma mitologia própria. Enquanto peça-chave, desprioriza minhas ações e mesmo a pintura, tipo de trabalho mais fácil de situar uma autoria, para uma multiplicidade de vetores, mais ou menos desconhecidos, perdidos e calcados num caminho algumas vezes dado, outras vezes sem dado algum, que nos leva a pensar essa obra. Em sua interconexão com nossas pesquisas e como, junto a essas pesquisas, outras obras acontecem, vamos traçando essas e em outras produções aprendendo que uma experiência artística, por mais arquivos que acumule, não é algo facilmente delineado.

Personalizar a experiência não garante que dela possamos extrair alguma identidade, alguma significação, um sentido que nos baste. As questões continuam a proliferar: o que é o objeto, o que é o projeto, se a experiência que temos com ele é artística, o que define o artístico. O que sabemos, após esse processo, ainda em andamento, é que nossos projetos jamais se fecham em definições, sendo que interessam, como força potencialmente aberta à aprendizagem, as afecções provocadas independente do projeto ser tratado ou não como arte. Quem é o autor, o que é a obra, quem está autorizado a fazer artes, *n* perguntas que nunca respondem o que somos nós, que personas assumimos em cada experiência e para onde essa proposição nos levará.



Daniel Escobar

Artista plástico, recebeu o Prêmio Funarte de Artes Visuais (2010, 2011), foi artista convidado na Fundação Iberê Camargo (2011) e artista residente do programa Bolsa Pampulha (2008), em Belo Horizonte [www.danielescobar.com.br].

Visual artist, was received the Funarte for Visual Arts Award (2010, 2011), was a guest artist at Iberê Camargo Foundation (2011) and resident artist for Bolsa Pampulha Program (2008) [www.danielescobar.com.br].

Fred Paulino

Artista visual e designer, foi correalizador de Gambiologia, idealizador e curador de Gambiólogos - a Gambiarra nos Tempos do Digital (2010) e é coordenador do Graffiti Research Lab Brasil [fredpaulino.com].

Visual artist and designer, he was the co-director of Gambiologia, creator and curator of Gambiólogos – a Gambiarra nos Tempos do Digital (2010) and is coordinator of the Graffiti Research Lab Brazil [fredpaulino.com].

Paola Zordan

Doutora em Educação, Bacharel em Desenho e Licenciada em Educação Artística pela UFRGS, onde atualmente é professora da área de Didática das Artes e do Programa de Pós-graduação em Educação. É membro do grupo de pesquisa DIF: artistagens, fabulações e variações.

She has a doctorate in Education, Bachelor in Design and has a licentiate in Art Education at the UFRGS, where she currently is a professor teaching in the area of Teaching Methods of the Arts and the Graduate Program in Education. She is a member of the research group DIF: artistagens, fabulações e variações.

Renata Marquez

Curadora do Museu de Arte da Pampulha, Doutora em Geografia, professora da UFMG e coeditora da revista PISEAGRAMA. Pesquisadora da interface entre arte, arquitetura e geografia [www.geografiaportatil.org].

She is curator of the Pampulha Art Museum, has a doctorate in Geography, is a professor at UFMG and is co-editor at Piseagrama magazine. She studies the interface between art, architecture and geography [www.geografiaportatil.org].

Silvana Stein

Atriz, diretora de teatro, preparadora corporal e vocal e professora do Centro de Formação Artística da Fundação Clóvis Salgado. Atuou como atriz e professora também no Galpão Cine Horto, no Centro Cultural Lagoa do Nado, no T.U. UFMG e na UFOP.

Actress, theater director, she works with body and voice preparation, is a professor at the Center for Artistic Training at the Clovis Salgado Foundation. She has also worked as an actress and teacher at Galpão Cine Horto, the Lagoa do Nado Cultural Center, at T.U. UFMG and at UFOP.